

Nem Local, nem Global: sobre as sociabilidades virtuais glocalizadas

GRUPO DE TRABALHO 12: Globalização, integração regional e sub-regional

Breno Augusto Souto Maior Fontes¹
PPGS-UFPE

Resumo

As mudanças recentes e suas implicações sobre processos de sociabilidade serão objeto desta comunicação. Em um *compte-renduda* literatura sobre o assunto, discorreremos sobre os efeitos das novas mídias de comunicação sobre o cotidiano das pessoas, em especial em suas trajetórias biográficas, na (re)construção de suas identidades.

As sociedades modernas passaram por uma profunda modificação no último quartel do século passado. Com efeito, assistimos a importantes mudanças em diversos campos: no ordenamento político mundial (fim da guerra fria, declínio do poderio econômico norte-americano e emergência de uma nova potência, a China); nas artes e arquitetura (desconstrutivismo, urbanismo de colagem em substituição ao cartesiano); na economia (adoção de modos de produção flexíveis em substituição ao Fordismo); no consumo (do consumo de massas para o personalizado, culto do indivíduo narcisístico). Dessas tantas importantes transformações vivenciadas, há um consenso de que uma delas, a disseminação dos meios de comunicação eletrônicos, a internet, seja a que mais teve impacto sobre a vida cotidiana das pessoas. Esse ponto, que nos interessa particularmente, apresenta a seguinte questão central: relativamente às interações face a face, há um ponto específico bastante significativo; o fato de que tais interações não se localizam mais territorialmente. Quer dizer, não há a necessidade de os interlocutores estarem em um mesmo lugar (e nem mesmo em um tempo correspondente! Podemos estar, por exemplo, na Indonésia, à noite, e falar com alguém no Brasil que ainda esteja sob a luz do sol).

Em uma interação face a face, há a coincidência tempo-espacial. Formas de comunicação – por consequência, sociabilidades – não ancoradas espacialmente existem há muito tempo, como é o caso de cartas, emissários e porta-vozes. Nesses casos, o fluxo comunicativo se estende por muito tempo, e a dinâmica dos acontecimentos às vezes atropela o processo. Veja-se, por exemplo, quando da descoberta do Brasil, a carta de Caminha ao Rei de Portugal: entre o momento da escrita e a recepção pelo rei, provavelmente se passaram meses. O que significa, é claro, que as possibilidades de desdobramento imediato desta prática comunicativa são bastante limitadas.

Há também, como fator importante, o componente territorial. Estar ancorado em um território, e nele travar interações, implica que, para além do conteúdo implícito no processo comunicativo (pedir alguma coisa, trocar ideias sobre algo, informar ou ser informado...), há o que poderíamos chamar de *ambience*: o sentido da conviviabilidade, que se estabelece no reconhecimento mútuo do lugar, do clima, do cenário; o preencher de sentidos compartilhados toda uma série de equipamentos presentes no entorno que nos faz sentir familiares, o que, nesse contexto, implica em um conforto maior na construção da intersubjetividade necessária à interação. Tal conteúdo, que poderíamos chamar de âncora territorial, confere uma particularidade exclusiva às comunicações face a face, principalmente

¹Professor da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador do CNPq. Coordenador do Núcleo de Estudos Sobre Redes, Sociabilidades e Poder.

aquelas que se orientam a partir de laços primários, fonte principal das práticas de sociabilidade ancoradas territorialmente. Quer dizer que, embora também tenhamos interações praticadas em campos espaço-temporais definidos, não podemos afirmar que todas tenham o conteúdo territorial. É o caso, por exemplo, dos não lugares, expressão cunhada por Augé(1994).² Essa expressão foi criada no sentido de possibilitar a interpretação de espaços de sociabilidade não territorializados– aeroportos, saguões de hotel, centros comerciais –, onde o componente territorial, a identidade histórica de pertencimento, não acontece. Mas também poderíamos acrescentar que mesmo havendo elementos interacionais onde se inscreve o território, eles podem existir de forma plena somente para um dos interlocutores. Como é o caso, por exemplo, de um habitante de uma cidade prestando informações a um turista. Nesse caso, o lugar é cheio de significados para o cidadão, e com sentidos totalmente diversos, segundo campos de referência díspares, para o turista. Há mesmo casos bastante interessantes, onde a (re)leitura dos significados simbólicos dos monumentos se estabelece para o deleite de turistas. Um bom exemplo são os *resorts*, na América Latina, usados quase que exclusivamente por europeus ou norte-americanos.³ Mobiliário, estilo arquitetônico, culinária (às vezes com uma dose de tempero étnico), plenos de significados, e familiares a esses frequentadores. Normalmente, dando ênfase ao exotismo do lugar (afinal, em alguns casos, viaja-se milhares de quilômetros), uma barraca de comida típica; e os empregados do estabelecimento vestindo-se segundo o costume nativo. Não nos esqueçamos também dos *shows* musicais com manifestações do folclore local. Para os que habitam aquela cidade, e que se deslocam cotidianamente para o trabalho, os significados são bem diferentes dos daqueles que lá se hospedam.

O pleno conteúdo das interações somente se estabelece a partir do pertencimento a um território, campo de sociabilidades predominantemente ancoradas em laços fortes. Compreendido em um significado sociológico, a noção de território remete à discussão sobre sociabilidades; sobre como os indivíduos estruturam sua vida cotidiana. É no lugar onde “se dá a intersecção das atividades de rotina de diferentes pessoas, que as características do espaço são usadas rotineiramente para constituir o conteúdo significativo da interação de pessoas na vida social” (Monken, 2005:898)⁴. Lugares que são hierarquizados, segmentados e especializados. Lugares que refletem a complexa dinâmica dos atores, com suas particularidades e idiosincrasias. A reconstrução das trajetórias de sociabilidade do cotidiano dos indivíduos nos permite igualmente reconstruir os recortes territoriais que as revestem. Permite-nos, também, decifrar as complexas estruturas simbólicas destes campos de pertencimento. Espaços domésticos (os domicílios) que se entrecruzam com os campos de convivência comunitária – inseridos muitas vezes na complexa malha urbana, estruturando o cotidiano dos indivíduos. A aparente uniformidade de relacionamentos anônimos, destituídos de sentimentos, que a sociologia tradicional nos apresenta agora como características da modernidade, é apenas uma parcela da complexa malha de sociabilidades construídas. Temos, também, como nos mostram estudos recentes, as práticas de sociabilidade típicas do que se denomina “comunidade”, presentes mesmo nas maiores metrópoles.

As pesquisas sobre poder local inicialmente tentavam resgatar os campos de sociabilidade ancorados em interações face a face, com base territorial. Também buscavam reconstruir as trajetórias de práticas associativas. Mas trata-se sempre de campos por nós definidos em outra ocasião como os de redes sócio-humanas: “constitui um tipo de rede que existe em geral de modo submerso, articulando num plano pré-político os indivíduos através de famílias, vizinhanças, amizades e camaradagens. O objetivo de tais redes, que preexistem ao aparelho estatal, é permitir que os indivíduos possam se socializar e adquirir um lugar no interior do grupo de pertencimento. Esse tipo de rede é estruturante da

⁰²Augé, Marc. Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

⁰³Pensemos principalmente nos casos do turismo em Cuba, para os europeus, ou no México, para os vizinhos do Norte.

⁰⁴Monken, Maurício; Barcellos, Christovan. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. Cad. Saúde Publica: Rio de Janeiro, 21(3): 898-906, mai-jun 2005 (p. 898).

vida social, e sem ela não existe esta categoria abstrata chamada indivíduo.”⁵ Redes que resgatam o território, dando-lhe uma dimensão inédita no fazer político; reconstruindo os *fora* de gestão a partir de uma prática que associa participação popular e modelos tradicionais de representação política. O fenômeno das interações virtuais ainda não estava presente na agenda dos pesquisadores.

Aqui cabe um pequeno excursão sobre um debate que foi bastante importante no universo acadêmico norte-americano: a ideia de que o vigor da democracia americana, tão ricamente descrito por Tocqueville, fortemente amparado na força associativa local, estaria em declínio. Apoiando-se em farto material estatístico, Putnam⁶ afirma que hoje o americano médio "*isbowlingalone*"; quer dizer, a América, enquanto um país de "*joiners*", não representa mais a realidade da década de 1990. Putnam, baseado nesse fato, alerta para a perda do capital social presente nas comunidades norte-americanas, e sua consequente ameaça para a democracia, na medida em que a cultura cívica, resultante desse caráter associativo, estaria erodindo. Outros autores, entretanto, afirmam que o padrão típico de "*joiner*" do norte-americano não se modifica. Apenas as associações voluntárias existentes hoje, teriam um padrão organizativo diverso, resultante de mudanças verificadas nos parâmetros de sociabilidade. Deste modo, as estruturas das redes sociais, que deram origem aos padrões associativos existentes até o final da década de 1960, foram substituídas por outras.

Isto se reflete drasticamente nas associações voluntárias.⁷ O bom vizinho agora é substituído pelo voluntário em uma ONG; um trabalho que não se centra em questões específicas da comunidade, mas na ideia de um serviço prestado a causas mais gerais, como as da juventude, das drogas, ou dos sem-teto, por exemplo. Os laços sociais que unem os indivíduos que participam desse tipo de mobilização não se localizam predominantemente em estruturas identitárias baseadas no território (vizinhança), no local de trabalho, ou em outros quaisquer fundamentados principalmente em laços fortes. São, antes de tudo, identidades construídas a partir do reconhecimento difuso do eu e do outro, que trespassa rígidas fronteiras de sociabilidade antes preponderantes, definidoras, por exemplo, das identidades de classe e de nação. A porosidade dos processos sociais – segundo Wuthnow(1998) – refletiria esta tendência: a possibilidade da elaboração identitária, localizada em uma estrutura definida a partir de um desenho particular de rede; mas ao mesmo tempo permeando diversas instituições sociais, localizadas muitas vezes descontinuadamente no espaço. Estas estruturas identitárias recentes, como nos mostra Melucci, não podem ser compreendidas adequadamente através das teorias sociológicas tradicionais: “Explicações baseadas em determinantes estruturais de um lado e valores e crenças do outro nunca podem responder a questões sobre como atores sociais vêm a formar uma coletividade; como estas comunidades se mantêm; como agem juntas e dão sentido a um movimento social; ou como o entendimento de uma ação coletiva deriva de pré-condições estruturais ou de motivações individuais” (Melucci, 1996: 69). O que permite, por exemplo, o reconhecimento do *status* de jovem, de mulher ou de negro (para citar apenas os casos mais comuns), perpassando, de certa forma, as rígidas fronteiras antes definidoras de identidade. As ONGs, neste sentido, seriam os lugares ideais para a construção de associações voluntárias: têm causas definidas; são organizadas a partir de interesses específicos; atraem interessados que, ao lado de profissionais remunerados, empreendem ações públicas; são instituições mediadoras, e, na expressão de Smith(1994), provedoras de serviços públicos que dão suporte aos grupos sociais mais fragilizados.

O padrão de sociabilidade descrito acima é típico de redes não ancoradas territorialmente: são interações sociais mediadas pela rede mundial de computadores, que é capaz de estruturar

05Fontes, Breno Augusto; Martins, Paulo Henrique. Construindo o conceito de rede de vigilância em Saúde. In: _____ Redes Sociais e Saúde. Recife: Editora da UFPE, 2006.

06Putnam (2000).

07Não cabe aqui discutirmos a profusa literatura sobre redes e movimentos sociais, que nos informa a respeito das mudanças nas características destes “novos” movimentos; nas tradicionais práticas associativas. Scherer-Warren(2006) nos oferece uma excelente análise sobre o assunto.

sociabilidades secundárias (de forma predominante) e primárias (ocasionalmente). Da mesma forma que as outras bases de interação (as ancoradas territorialmente, e predominantemente construídas a partir de relações face a face), essas também são capazes de mobilizar recursos e prover apoio social. Mas, para este caso, não se trata de estruturas calcadas em território; inscritas em campos locais ou globais de práticas sociais.⁸ Aqui, para uma melhor compreensão do fenômeno, alguns estudiosos sugerem a ideia de espaços híbridos, *glocais*, donde a combinação entre campos de sociabilidade ancorados no local ou mais amplamente. Ainda assim, redefinindo essas práticas, e pensando em redes sociais globais, permitir-se-ia desconstruir a descontinuidade na análise do comportamento humano entre agência e estrutura. Holton(2008:02), por exemplo, sugere esta possibilidade:

O estudo das redes sociais se estende para a compreensão sobre o que orienta a mudança social, que tipos de instituições sociais estão em evidência, e como novos padrões de organizações globais se estruturam em redes. A análise das redes globais oferece *insights* sobre operações de poder e arranjos globais, dando ênfase sobre a importância de redes descentralizadas enquanto formas distintas de hierarquia, de arranjos econômicos, políticos e culturais que as redes articulam e organizam. Também o estudo de redes globais esclarece as formas nas quais a agência e a estrutura operam em um contexto global. A análise de redes globais nos ajuda a compreender o porquê do acesso desigual a níveis de poder e influência, e também como os compromissos e compartilhamentos de práticas políticas e culturais entre os atores acontecem, nas fronteiras e no interior das localidades.

As ditas “comunidades virtuais” nos colocam a seguinte questão: “É possível ter sociabilidades *online* que complementem, ou mesmo suplantem, aquelas em carne e osso?”⁹ Essa pergunta remete-nos, fundamentalmente, à comparação com as características de práticas de sociabilidade ancoradas em interações face a face. O que nos leva à discussão iniciada em Tönnies, com a sua tipologia *gemeinschaft/gesellschaft* (comunidade/sociedade). Tipologia que é problematizada em Max Weber, no seu clássico *wirtschaftundgesellschaft*, onde especifica esses conceitos, o de comunidade e sociedade, apresentando-nos à sua classificação das ações sociais. Estruturas de sociabilidade comunitárias remetendo a práticas onde os sentimentos afetivos e tradicionais seriam os predominantes; e maneiras de sociabilidade societárias caracterizadas, onde “as ações sociais racionais (orientadas por valores ou interesses) motivam ligações entre as pessoas.”¹⁰ Ações racionais substantivas ou instrumentais seriam, portanto, o conteúdo predominante das práticas de sociabilidade societárias.

A pergunta formulada acima por Wellman sugere que sejam possíveis as ações interativas (primárias e secundárias) em um ambiente virtual. Ou seja, as relações, mesmo aquelas mais genuinamente baseadas em laços fortes, podem ter lugar sem que haja um referencial físico¹¹; ou mesmo um conteúdo face a face dessas práticas. Há, entretanto, um detalhe importante: a base territorial inexistente é substituída pelo *virtual settlement*, o *ciberlugar*; espaço virtual onde as sociabilidades se desenvolvem. Temos, então, ambientes onde se estabelecem possibilidades de comunicação, sejam elas balizadas em sociabilidades primárias (troca de e-mails entre amigos, parentes, amantes); ou aquelas outras nas quais se reúnem pessoas que têm interesses em comum (profissionais, econômicos, sexuais etc.). Em um caso, campos de sociabilidade ancorados em laços fortes; em outro, laços fracos, que

08 Cf. Haesbaert (2004).

09 Wellman, Barry. *Examining Community in the digital neighborhood*. Early results from Canada's WireSuburb. Disponível em <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/>. O Grupo de pesquisas coordenado por Wellman tem realizado sistematicamente investigações sobre a construção de redes sociais virtuais.

10 Weber, Max. *Wirtschaft und gesellschaft*. Voltmedia GmbH, Paderborn, pp.49-50.

11 Há um interessante trabalho de Molina (2005) que procura investigar a distribuição espacial entre diversos tipos de relações e os intercâmbios a eles associados.

predominam. Recursos diversos, mas análogos às interações face a face, tão bem descritas por Granovetter¹².

Para o caso das comunidades virtuais, há uma característica importante: pessoas se encontram em um ambiente desterritorializado – o *ciberespaço*, e lá desenvolvem práticas de sociabilidade que mantêm as características daquelas ancoradas territorialmente. São, portanto,

(...) agregados sociais que surgem da Rede Internet, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.¹³

Wellman, em Toronto, construiu, durante a década de 90 do século passado e a primeira década deste século, uma agenda de pesquisa buscando responder à pergunta, já colocada entre os pesquisadores da Escola de Chicago – Escola de Ecologia Humana –, sobre a gradual substituição dos laços fortes pelos fracos; ou sobre o declínio das práticas de sociabilidade do tipo comunitário, que perdem terreno para as cada vez mais constantes práticas societárias. Ou seja, preocupações idênticas àquelas levantadas pelos sociólogos clássicos; e, de certa forma, reproduzidas por Putnam, quando do seu estudo sobre o sistema político norte-americano, que defendia, como pré-requisito para o bom funcionamento da *grassroot democracy*, a existência de uma vida comunitária ativa, que só seria possível se ancorada territorialmente.

Para Wellman, entretanto, o problema não se coloca dessa forma. Não se trata da existência da base territorial como pré-requisito para a construção de laços fortes; de estruturas de sociabilidade do tipo comunitário. Procurando responder à pergunta sobre a possibilidade da existência de laços fortes em interações não territorializadas, ou segmentadas – como é o caso premente das sociedades contemporâneas, e, por extensão, do modo de vida urbano, onde, num primeiro momento, tem-se uma espacialização territorial segundo usos (residenciais, de trabalho, de lazer etc)¹⁴ –, o grupo de Toronto empreendeu uma série de pesquisas sobre o significado dos laços sociais comunitários nas sociedades modernas.

Inicialmente, sobre o conteúdo destes laços e suas expressões mais significativas, como, por exemplo, amizade¹⁵, parentesco¹⁶, grupos primários estabelecidos territorialmente, como gangues¹⁷ e vizinhança¹⁸, Wellman procurava mostrar que, mesmo em grandes metrópoles como Nova York, as estruturas de sociabilidade se constituíam em um núcleo duro da fábrica social, fornecendo aos indivíduos os ingredientes essenciais para a produção de suas identidades. Assim, laços de pertencimento e trajetórias de construção identitária certamente se orientam para grandes campos simbólicos, como o sentimento nacional, a classe, ou a posição ocupacional. Mas, com certeza, o espaço das práticas de sociabilidade alicerçadas em laços fortes (amizade, parentesco, pertencimento territorial) representa um importante papel.¹⁹

12 Granovetter, Mark. (1978) *The strength of weak ties*. American Journal of Sociology, n. 78. Ver também: Fontes, Breno Augusto. (2004) *La formation du capital social dans une communauté à faible revenu cellulaire*. GRIS, n. 10, pp.191-208.

13 Rheingold, H. (1994) *La Comunidad virtual: Una sociedad sin Fronteras*. Gedisa Editorial, Colección Límites de La Ciencia. Barcelona. *Apud* Recuero, Raquel da Cunha. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. Extraído de [HTTP://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm](http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm).

14 Questão posteriormente repensada pelos urbanistas a partir da ideia de uma cidade do tipo “colcha de retalhos”, com áreas constituídas por múltiplos usos.

15 Wellman (1992).

16 Wellman (1992a).

17 Wellman (1992b). Ver, também, sobre gangues, o interessante artigo de Papachristos (2006).

18 Wellman (1996), Wellman (1979).

19 Sobre processos de construção identitária e redes sociais, consultar: Barra (2004), Wellman (2006), Leonard (2008), Morrison (2002), Castells (2002), Mehra (1998), Prell (2003), Burk (2007), Peruzzo (2002).

O grupo de Toronto foi mais além, demonstrando que essa desterritorialização, fortemente estimulada pela crescente facilidade no uso dos meios de comunicação e de transporte, toma rumos ainda mais surpreendentes com a internet. Analisadas, em seus primórdios, as chamadas comunidades virtuais se constituíam a partir de contatos rápidos, via e-mail; ou da construção de páginas virtuais, visitadas por pessoas com interesses em comum, e formando verdadeiras comunidades. Em seu clássico Artigo, *Net Surfers don't ride alone*, publicado em 1997²⁰, Wellman perguntava-se sobre a possibilidade das pessoas, a partir da Net, e às vezes sem nunca terem estabelecido contatos físicos, construírem uma comunidade, com as características de serem solidárias e até mesmo íntimas. Mais ainda, perguntava se as barreiras de raça, gênero, credos religiosos ou territoriais, poderiam ser superadas nessa hipotética comunidade virtual. Naquele momento, a chamada “comunicação mediada pelo computador” era ainda incipiente, com um número muito menor que o atual de pessoas com acesso à rede. No entanto, esse texto resultou numa agenda de pesquisa que, em Toronto, rendeu frutos interessantes, com vários artigos, teses e dissertações, seminários e grupos de discussão. Agenda que certamente não se originou nessa cidade – poderíamos talvez falar em certa policentralidade dos grupos de pesquisa. A tentativa era de compreender um novo fenômeno; é certo que com desdobramentos ainda imprevisíveis, mas com uma questão fundamental, já colocada, sobre a natureza dos processos de sociabilidade do tipo comunitário. Segundo Wellman, uma mudança paradigmática, não somente no modo de como se percebe a sociedade, mas, principalmente, na “forma pela qual pessoas e instituições estão conectadas. É a mudança do viver em *pequenas caixas* para o viver em sociedades em redes. “(Wellman, 1999:01)²¹

Do início da década de 90 do século passado até hoje, o mundo da Internet sofreu mudanças bastante pronunciadas; e novas pesquisas permitiram uma visão mais clara do fenômeno. Estudos recentes sugerem que as redes apresentam uma topologia com estrutura fortemente hierarquizada, obedecendo a características de distribuição descritas no modelo do *Power Law*. Esse tipo de distribuição é característico das redes complexas, onde se formula matematicamente “o fato (de) que na maior parte das redes reais a maioria dos nodos tem somente poucas ligações, e que estes nodos, numerosos e pequenos, coexistem com um número pequeno de grandes *hubs*... Os *hubs* são acompanhados de perto por dois ou três *hubs* menores, seguidos por dezenas de outros ainda mais pequenos, com, finalmente, a conexão se estendendo para numerosos nodos, minúsculos”. (Barabási, 1999:70) Esses são tipos de rede que apresentam topologia particular característica de sistemas complexos, onde padrões de comportamento não obedecem aos descritos pelos tradicionais procedimentos estatísticos: há, por exemplo, a possibilidade de as ocorrências não se manifestarem aleatoriamente; o que implica em não se poder utilizar plenamente os tradicionais métodos de inferência estatística, somente adequados quando da existência de uma distribuição normal. O sistema também opera de maneira fortemente descentralizada, o que não nos permite localizar regiões, nesta complexa topologia, que sejam vitais à reprodução e conservação do sistema. Desta forma, é possível, por exemplo, pensar na reconstituição dos nodos, e na reestruturação da rede, em situações com um grau razoável de imprevisibilidade.

Ao mesmo tempo assiste-se a uma explosão do fenômeno da internet, seja pela popularização crescente do acesso por banda larga – garantindo, deste modo, conexões mais rápidas e maior capacidade de processamento –, seja pelo número de páginas. Calcula-se, por exemplo, que no início deste século existiam cerca de 2,1 bilhões de páginas; e que a cada dia eram acrescentadas a este

20 Wellman (1997).

21 Dessa agenda de pesquisa se ocuparam Wellman e seu grupo durante algum tempo. Consultar, por exemplo, Hampton (1999), Wellman (s/d), Hampton (2003), Hampton (2000), Wellman (2001a), Wellman (1997a), Wellman (2005), Hampton (2001).

número, em média, mais 7,3 milhões de novas páginas.²² Sem falar que, em nações europeias ou nos Estados Unidos, a maioria da população está conectada à Internet.²³

Nesse universo estão presentes inúmeras possibilidades de padrões de sociabilidade, com impactos variados; desde, por exemplo, páginas frequentadas por um número relativamente pequeno de pessoas, reproduzindo uma pequena comunidade de amigos ou conhecidos, até páginas que atingem repercussão mundial, produzindo efeitos *glocais*, quer dizer, tanto visíveis globalmente, como alimentando conversas no botequim da esquina.

O fato é que este mundo virtual está presente no cotidiano das pessoas, provocando mudanças significativas nos padrões de sociabilidade. A internet é o campo por excelência das interações desterritorializadas e globais; mas isso não significa que as pessoas, por causa dela, se afastem do seu cotidiano; dos lugares de sociabilidade ancorados territorialmente. Nem que só exista na internet um padrão único de laços: os laços fracos.²⁴ Na verdade, o que acontece é uma complexa interconexão entre vínculos, comunicações de fluxos de recursos sem base territorial, e uma forte âncora nas sociabilidades tradicionais.

Um dos interessantes campos de influência das redes são os movimentos sociais; grupos de pessoas que se organizam para a reivindicação de novas formas de sociabilidade, de distribuição de recursos e de poder. Com a popularização e difusão da *net* foi possível entender, para além dos limites territoriais, a busca por alianças, recursos e novos espaços para o confronto. O local – tradicional espaço para a construção desses movimentos – se intercrusa com o global, formando interessantes e curiosos campos de luta. Assim, por exemplo, a ação espetacular do movimento ambientalista *Greenpeace* contra a exploração de madeira na Amazônia brasileira repercute localmente – ativistas interrompem a circulação das balsas cheias de toras de mogno, provocando transtornos em alguns municípios paraenses – e globalmente, na medida em que se postam em páginas da Internet fotos, vídeos, textos etc; e também nosentidade de que a notícia “viaja” pela rede, e por outros meios de comunicação, quase que instantaneamente. Cria-se, dessa forma, uma nova esfera pública, ampliada, com repercussões multilocalizadas. Estudos, por exemplo, indicam efeitos concentrados de movimentos que se utilizam de listas de *e-mails* para promover o engajamento cívico em associações locais (Weare, 2007). Outros, de forma mais abrangente, procuram investigar os efeitos da mobilização, através da rede, para a promoção da cidadania (Moraes, 2000); para a construção de novas conexões identitárias (Machado, 2007); ou para a organização de uma nova esfera pública, a virtual (Maia, 2001).

Merece destaque especial uma nova agenda de pesquisa que vem sendo elaborada, ainda sobre práticas associativas, mas dirigidas para orientações ideológicas radicais, como terrorismo ou movimentos políticos ultraconservadores. Estudos, por exemplo, sobre práticas terroristas na Austrália (Koschade, 2005); ou sobre movimentos políticos radicais na Itália (Tateo, 2005). Argumentam estes autores que essas práticas apresentam características particulares: multilocalizadas, com estruturas de liderança e de comando policêntricas, formas inovadoras de recrutamento e de mobilização que se estendem para além das fronteiras dos Estados nacionais (Ressler, 2006).

22Dados para Julho de 2000. Cf. Murray (2000). O levantamento mais recente – agosto de 2005 – estimava que em 2007 existiriam 29,7 bilhões de páginas abrigadas em mais de 70 milhões de websites. Cf. <http://www.boutell.com/newfaq/misc/sizeofweb.html>.

23Segundo estimativas do *Internet World Stats – usage and population statistics* (<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>), em 2010 existiam no mundo quase dois bilhões de pessoas com acesso à rede. Na América do norte, 77,4% dos seus habitantes estavam conectados; e na Europa, 58,4%. Para o mundo inteiro, a proporção é de 28,7% do total da população; e a África é o continente onde menos pessoas têm acesso à rede (10,9% do total da população). Registre-se ainda o fato de que na última década a conectividade aumentou em 44%. Albert (2008) nos mostra como esse fenômeno se passa na Hungria.

24É por isso que podemos, de algum modo, falar em comunidade. Cf. Costa (2005a).

A diversidade de usos da internet é imensa, e tem modificado profundamente o cotidiano das pessoas. Nesta galáxia transitam indivíduos que buscam informações e recursos²⁵; que trocam experiências²⁶ – muitas delas de natureza intimista –; que fazem negócios²⁷; que cooperam com projetos acadêmicos ou educacionais; que se divertem²⁸. Enfim, um novo mundo que mudou radicalmente a forma como as pessoas vivem. Esse universo, é claro, constitui-se a partir das práticas de sociabilidade de pessoas ordinárias, que vivem e experimentam o mundo real, ancorado em um território, fisicamente estruturado em objetos de reconhecimento e de construção de uma memória; de registro do cotidiano. Mas, agora, o espaço físico, talvez antes profundamente autarquizado, hoje se desloca; se reconfigura através justamente do fato de que seus elementos fundantes – os indivíduos que constroem seus cotidianos – interagem também em outros campos espaço-temporais – e desta vez de forma intensa –, ressignificando, portanto, suas identidades. Por isso a justeza do neologismo “glocalização”, indicando um processo que ecoa em ambientes globais e locais, e que vai, ao mesmo tempo, desterritorializando e reterritorializando a vida e o mundo.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc. *Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo, Papirus, 1994.
- MONKEN, Maurício; BARCELLOS, Christovan. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 898-906, maio-jun. 2005
- FONTES, Breno Augusto; MARTINS, Paulo Henrique. Construindo o conceito de rede de vigilância em Saúde. In: _____ *Redes Sociais e Saúde*. Recife, Editora da UFPE, 2006.
- PUTNAM, Robert D. *Bowling alone the collapse and revival of American community*. New York, Simon & Schuster, 2000
- WUTHNOW, Robert. *Loose Connections. Joining Together in America's fragmented Communities*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1998.
- MELUCCI, Alberto. *Challenging codes: collective action in the information age*. New York, Cambridge University Press, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da Desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade*. São Paulo, Bertrand Brasil, 2004
- HOLTON, Robert. *Global Networks*. London, Palgrave, 2008.
- Wellman, Barry. *Examining Community in the digital neighborhood*. Early results from Canada's Wire Suburb. Disponível em <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/>.
- Weber, Max. *Wirtschaft und gesellschaft*. Voltmedia GmbH, Paderborn
- MOLINA, Jose Luis; RUIZ, Alejandro. Localizando geograficamente las redes personales. In: *Redes – Revista Hispana para El análisis de redes sociales*, v. 8, n. 5, jun./jul. 2005. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>. Acesso em janeiro 2012.
- Granovetter, Mark. (1978) *The strength of weak ties*. *American Journal of Sociology*, n. 78
- Fontes, Breno Augusto. (2004) *La formation du capital social dans une communauté à faible revenu cellulaire*. GRIS, n. 10, pp. 191-208

25 Experiências de difusão de conhecimento Cross(s/d).

26 Como é o caso dos blogs e das redes sociais – Facebook, Orkut e outras. Cf. Lewis (2008); HSU (s/d); Mazzoni (2005); Norris (2002).

27 Desde os tradicionais intercâmbios organizacionais e empresariais Retzer (2008) – até outros inusitados, como a prostituição. (Rocha, 2010)

29 Como é o caso, por exemplo, dos jogos virtuais interativos. (Rodrigues, 2008)

- Rheingold, H. (1994) *La Comunidad virtual: Uma sociedad sin Fronteras*. Gedisa Editorial, Colección Limites de La Ciência. Barcelona. *Apud* Recuero, Raquel da Cunha. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. Extraído de [HTTP://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm](http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm)
- WELLMAN, Barry. Men in Networks. Private Communities, Domestic Friendships. In: NARDI, Peter. (Ed.) *Men's friendships*. Newbury Park, CA, Sage, 1992.
- WELLMAN, Barry. *How to Use SAS to Study Egocentric Networks*. CAM Newsletter, p.6-12, June 1992
- WELLMAN, Barry; LEIGHTON, Barry. *Networks, neighborhoods and communities*. Approaches to the study of the community question. *Urban Affairs Quarterly*, v. 14, n. 3 March 1979, pp. 363-390
- WELLMAN, Barry. The community question: The Intimate Networks of East Yorkers. *American Journal of Sociology*, n. 84, p. 1202 – 31, Mar. 1979.
- WELLMAN, Barry. Are Personal Communities Local? A dumptarian Reconsideration. *Social Networks*, v. 18, n. 3, p. 347-354, Sept. 1996
- PAPACHRISTOS, Andrew. Social Network Analysis and Gang Research: Theory and methods. *P1: FAW/SPH P2: FAW RLBO023-Short*, n. 20, p. 20-55, Jan. 2006. Disp. http://www.papachristos.org/Publications_2_files/Papachristos_networkchapter.pdf>. Acesso em janeiro 2012.
- BARRA, Sandra Marlene Mendes. Infância e Internet – interações em rede. In: *Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, Sociedades Contemporâneas, Reflexividade e Ação. Atelier População, Geracões e Ciclos de Vida. 2004
- LEONARD, Ana Sierra; MEHRA, Ajay; KATERBERG, Ralph. The Social Identity and Social Networks of Ethnic Minority Groups in Organizations: A critical Test of Distinctiveness theory. *Journal of Organizational Behavior*, v. 29, n. 5, p. 573-589, July 2008.
- MORRISON, Elizabeth Wolfe. Newcomes relationships: the role of social network ties during socialization. *Academic of Management Journal*, v. 45, n. 06, p. 1149-1160, Dez. 2002.
- CASTELLS, Manuel; TUBELLA, Imma. *The network Society in Catalonia*. Research Report Generalitat de Catalunya, Barcelona, 2002.
- MEHRA, Ajay; KILDUF, Martin. At the margins: a distinctiveness approach to the social identity and social networks of underrepresented groups. *Academy of Management Journal*, v.41, n. 4, p. 441-452, 1998.
- PRELL, Christina. *Community networking and social capital: early investigations*. *JCMC*. v. 8, n. 3, April 2003. em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol8/issue3/prell.html>>. Acesso em janeiro 2012.
- BURK, William J; STEGLICH, Christian E.G.; SNIJDERS, Tom A.B. Beyond dyadic interdependence: Actor-oriented models for coevolving. Social networks and individual behaviors *International Journal of Behavioral Development* 2007, 31 (4), 397-404
- PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Comunicação em tempo de redes. In: PERUZZO, C.M.K.; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel. (Orgs.) *Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes?* Porto Alegre, Editora Unisinos, 2002
- HAMPTON, Keith; WELLMAN, Barry. Examining Community in the Digital Neighbourhood: early Results from Canada's Wired Suburb. In: ISHIDA, Toru. and ISBISTER, Katherine. (Edts.) *Digital Cities Technologies: experiences and future perspectives*. Berlin Springer-Verlag, 2000.
- HAMPTON, Keith; WELLMAN, Barry. Neighboring in Netville. How the Internet Supports Community and Social Capital in a Wired Suburb. *City and Community*, v.2, n. 3, 2003.
- HAMPTON, Keith; WELLMAN, Barry. Netville On-line and Off-Line. Observing and Surveying a Wired Suburb. *American Behavioral Scientist*, v. 43, n. 3, p. 475-492, Nov. 1999
- HAMPTON, Keith; WELLMAN, Barry. Long Distance Community in the Network Society. *American Behavioral Scientist*, v. 45, n. 3, p. 477-496, Nov. 2001.

- BARABÁSI, Albert-László. *Linked. How Everything is Connected to Everything Else and What It Means for Business, Science and Everyday Life*. New York: Penguin Books Ltd., 2003.
- MURRAY, Brian; MOORE, Alvin. *Sizing the Internet*. Cyveillance, Jul. 2000. Disponível em: <http://www.cs.toronto.edu/~leehyun/papers/Sizing_the_Internet.pdf>. Acesso em janeiro 2012.
- COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface*. Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-48, mar./ago. 2005.
- WEARE, Christopher; WILLIAM, E. Loges; NAIL, Oztas. Email Effects on the Structure of Local Associations: a Social Network Analysis. *Social Science Quarterly*, v. 88, n. 1, March 2007.
- MORAES, Denis. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. XXIII, n. 2, jul./dez. 2000.
- MACHADO, Jorge Alberto. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 18, p. 248-285, jul./dez. 2007.
- MAIA, Rousiley. *Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação*. 2001. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fac/comunicacaoopolitica/Rousiley2001.pdf>>. Acesso em fevereiro 2012.
- KOSCHADE, Stuart. *A Social Network Analysis of aumShinrikyo: Understanding Terrorism in Australia*. [Paper presented to the Social Change in the 21st Century Conference] Centre for Social Change Research, Queensland University of Technology. 28 Oct. 2005. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/3496/1/3496.pdf>>. Acesso em março 2012.
- TATEO, L. The Italian extreme right on-line network: An exploratory study using an integrated social network analysis and content analysis approach. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 10, n. 2, article 10, 2005. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol10/issue2/tateo.html>>. Acesso em dezembro 2011.
- RESSLER, Steve. Social Network Analysis as an Approach to Combat Terrorism: Past, Present, and Future. *Research Homeland Security Affairs*, v. II, n. 2, July 2006. Disponível em: <<http://www.hsaj.org/?article=2.2.8>>. Acesso em dezembro 2011.
- CROSS, Rob; BORGATTI, Stephen. *Relational Characteristics that facilitates Information Seeking*. University of Virginia, Vancouver, 2000. Disponível em: <<http://www.analytictech.com/borgatti/papers/tiesthatshare.pdf>>. Acesso em dez. 2012
- LEWIS, Kevin; KAUFMAN, Jason; GONZALEZ, Marco; WIMMER, Andreas; CHRISTAKIS, Nicholas. Tastes, ties, and time: A new social network dataset using Facebook.com. *Social Networks*, v.30, p. 330–342, 2008
- HSU, William H. et al. Collaborative and Structural Recommendation of Friends using Weblog-based Social Network Analysis. 2006. Disponível em: <<http://www.aaai.org/Papers/Symposia/Spring/2006/SS-06-03/SS06-03-012.pdf>>. Acesso em jan. 2012.
- MAZZONI, Elvis. La Social Network Analysis a supporto delle interazioni nelle comunità virtuali per la costruzione e conoscenza. *TD* 35 n. 2, 2005.
- NORRIS, Pippa. The bridging and bonding role of online communities. *Press-Politics Editorial*, v. 7, n.3, 2002.
- RETZER, Silke; YOONG, Pak; HOOPER, Val. *Advice network in an Inter-organizational knowledge transfer environment: a social network analysis approach*. AUSTRALIAN CONFERENCE ON INFORMATION SYSTEMS, 19. 3-5 Dec. 2008.
- ROCHA; Luis E.; LILJEROSB, Fredrik; HOLMEA, Petter. Information dynamics shape the sexual networks of Internet-mediated prostitution 5706–5711 *PNAS* March 30, 2010 vol. 107 no. 13. www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.
- MACHADO, Jorge Alberto. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 18, p. 248-285, jul./dez. 2007.

RODRIGUES, Lia C.; MUSTARO , Pollyana N. *Levantamento de características referentes à análise de redes sociais nas comunidades virtuais brasileiras de jogos on-line*. Disponível em: <<http://www.google.com/search?ie=UTF-8&oe=UTF-8&sourceid=navclient&gfns=1&q=Levantamento+de+caracter%C3%ADsticas+referentes+%C3%A0+an%C3%A1lise+de+redes+sociais+nas+comunidades+virtuais+brasileiras+de+jogos+on-line>>. Acesso em 26 jan. 2011.